

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de:

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre ou 26 numeros, 1\$300 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II — 12 DE MARÇO DE 1882 — N.º 3 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAIO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 1\$500 réis; semestre ou 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre ou 13 numeros 2\$000 rs.; avulso 300 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Ouvidor.

SUMMARIO

GRAVURAS—Vista do Escalda ao pé de Gand; O passado e o presente; O bosque de La Roche no Luxemburgo; A praça dos Martyres em Bruxellas.

TEXTO—Actualidades, por Mané; As nossas gravuras, por P. C.; Szenas da vida Americana, por A. Brehat; Domingo historico, por A. O.; Rosicler, por S. Monteiro; Horas de Ocio; Apon-tualidade, por Eugenio Chavette.

ACTUALIDADES

O pintor Cabat sabia todas as manhãs com a sua caixa aos hombros, e caminhava, caminhava sempre! até ouvir coaxar as rãs. Então parava e punha-se a pintar:— Era sempre algum sitio encantador— um charco d'agua cercado de juncos sobre o qual pendia um salgueiro, o pedaço d'um lago, um caminho ladeado por uma valeta onde corria um regato. As rãs nunca o enganavam: com a sua voz enrouquecida annunciavam-lhe sempre a agua, a verdura, as hellas paisagens frescas...

Como o pintor Cabat eu tenho percorrido todas as manhãs as campinas do noticiario e onde ouço coaxar as rãs tenho parado immediatamente! Mas as rãs do noticiario indigena em vez de me annunciarem

com a sua voz enrouquecida que existe uma paisagem boa para tratar, enganam-me sempre, ao contrario do que succedia ao pintor Cabat, e eu volto tristemente a casa (sem caixa aos hombros!) desconsolado e triste por não ter assumpto para as chronicas.



VISTA DO ESCALDA AO PÉ DE GAND

As rãs n'este meu caso, se eu lhes fosse a dar ouvidos, compromettiam-me fatalmente, e ou me davam um charco de politica para o qual pendesse o salgueiro... d'uma descompostura medonha trocada

entre deputados da maioria e da minoria, ou o charco d'uns assumptos graves e enfadonhos, trescalando artigo de fundo em que tivesse de ser desancada a policia.

Mas não... e não! Saberei ter coragem, saberei ter forças poderosas para fugir e não crer n'esse coaxar infiel das rãs, n'esse coaxar insidioso das malditas... perdão! dos malditos noticiaristas querendo-me levar illudido para os campos perigosos.

Não, meus senhores... mil vezes não! Eu bem vos ouço por entre os juncos... do jornal, em cima da lama um pouco occultos nos limos amarellecidos pelo sol, as vossas chatas cabeças verdes onde uns olhos d'iris douradas me espreitam, bem vos ouço bellos anuros de pança de esmeralda desmaiada, bem vos ouço... coaxe! coaxe! coaxe!

Mas não rãs, mas não anuros, mil

vezes não! Não fostes vós que destes assumptos bons ao pintor Cabat. Não me enganais certamente, rapazes!

Nem vou fallar do desacato religioso dos collegiaes cuspiendo fóra as hostias da communhão, nem vou fallar contra as faltas que a policia commette, nem

contra a ignorancia que tem do cumprimento dos seus deveres.

Não e não!...

Tenho assumpto até de mais; tanto, que até receio não fazer mais do que um summario. Hoje não preciso sair de casa em vossa procura, ó annos do jornalismo!

Aqui está o assumpto a entrar-me pela janella dentro: — Uma grande toalha de sol intensa e vibrante que me vem illuminar toda a casa.

Se chego á minha janella — um esplendor! Pelo azul profundo, purissimo e suave, todo elle um franco e aberto sorriso de saphyra, vibra poderosamente um sol de primavera! E pelo ar anda uma vasta e poderosa palpitacao de vida; parece que tudo canta, que tudo ri, que tudo trabalha por prazer, e aos meus ouvidos chegam os trinados alegres dos canarios e os cantos heroicos dos gallos batendo as azas á grande luz creadora que os inunda...

Que melhor assumpto do que este, o d'estes dias extraordinariamente bellos que se seguiram a um pequenino inverno! estes dias claros e ensoalhados que lembram já o campo, as sombras murmuradas, as tardes passadas debaixo dos salgueiros, lendo uns romances adorados, enquanto ao longe vibra o chiar d'um carro descendo a encosta, e ali, á esquerda, junto do regato que passa cantando pelas pedras brancas, ali, a cabeça pendida para a agua, um melro atrevido bebe, espreitando-nos, na limpidez crystallina da agua...

Já se pensa muito no campo!

E ha razão para isso. O calor aproxima-se lentamente, lentamente!

O tempo está um encanto; mas d'aqui a dias as ruas de Lisboa estarão intoleraveis de poeira.

Nos theatros difficilmente se está. S. Carlos quer ainda ter umas noites de vida levantando uma questao musical a proposito da opera nova escolhida para este anno, preferindo ao *Lohengrin* de Wagner a *Beatrice* do sr. Guimaraes... para animar a arte nacional!

Zaéo no Circo vae educando o gosto do nosso publico pela plastica, torna o nosso publico bastante grego ao ponto de applaudir... as formas da mulher, e passar assim noites e noites na contemplação ideal do corpo humano, mandando pastar os olhos n'essa harmonia estranha e deliciosa de curvas que ella exhibe nas suas descidas pela corda...

Os livros já não apparecem. Os escriptores creio que estão em ferias ha quasi um anno; e agora apenas me encontro deante d'uma bella publicação quinzenal a *Chronica illustrada*, que é como um relatório dos trabalhos da geração moderna.

Aquelle grupo d'artistas que organisou a bella exposição da Sociedade de Geographia reuniu-se a um grupo de modernos escriptores, e d'ahi saiu um jornal de que é proprietario-gerente Alberto de Oliveira, e que tem todo o aspecto delicado d'uma publicação d'artistas francezes.

E' d'este modo que elles conseguiram ter a sua *Vie Moderne* e devemos applaudir os enthusiasmos d'estes rapazes, porque a sua *Chronica* é na realidade de esplendida.

E o sol, o bom sol que me não deixa por um ins-

tante. Bom leitor! Dá-me o braço e em vez de leres semsaborias, vamos rir á vontade no esplendor da manhã! Vamos vêr a capital que se espaneja; vamos, de braço dado, pensando já no nosso mez no campo, nas sombras murmuradas, nas tardes passadas debaixo dos salgueiros, lendo uns romances adorados, enquanto ao longe vibra o chiar d'um carro descendo a encosta, e ali á esquerda, junto do regato que passa, cantando pelas pedras brancas, ali, a cabeça pendida para a agua, um melro atrevido bebe, espreitando-nos, na limpidez crystallina da agua...

MANÉ.

AS NOSSAS GRAVURAS

Vista do Escalda no pé de Gand

Não parece um pouco o Mondego? Aquelle barco, deslizando por sobre a agua á vara larga, e indicando que o rio corre preguiçosamente n'um leito pouco profundo, aquellas margens cobertas de verdura, que entram pelo rio e formam um delicioso promontorio, tudo parece lembrar-nos aquellas suavissimas aguas do Mondego, aquellas margens enamoradas, que foram o enlevo de Camões, e de todos os poetas que passaram em Coimbra a sua fresca mocidade. Ha porém uma grande superioridade da parte do rio portuguez. As arvores, que se debruçam á beira do rio que banha Coimbra, são os salgueiros frondosos que molham na agua as pontas das suas verdes traças, e em nada se parecem com essa arvore espectral do Norte, que se vê na nossa gravura, e que recorta no céu brumoso de uma manhã septentrional os seus braços magros e mal vestidos de folhagem. Falta tambem a esta paisagem belga o azul glorioso dos nossos céus portuguezes, o esplendor do nosso sol, a opulencia da nossa vegetação, mas, ainda assim, e com essas modificações, a parecença é notavel e mostra-nos que o Escalda, junto de Gand, como o Mondego junto de Coimbra, é um rio encantador, onde abundam os quadros de uma encantadora simplicidade idyllica.

O Passado e o Presente

As figuras da gravura caracterisam bem o passado vagaroso e tranquillo, e o presente rapido e agitado. O velho encosta-se pesadamente á bengala, em que se firmava o andar magestoso e sereno dos nossos avós; o moço corre n'um velocipede, aquelle com a cara cuidadosamente rapada, este com o bigode retorcido audaciosamente em duas guias espantosas.

Faltam apenas dois caracteristicos importantes.

O velho devia ter a caixa de rapé dos nossos antepassados, o rapaz o charuto dos nossos contemporaneos. Mas, em todo o caso, já que o velho, que é por força hollandez, usa já do cachimbo, tem com toda a certeza no bolso o fuzil, a isca e a pederneira, e o rapaz leva de certo no colete a caixa de phosphoros de cera, que Manuel Roussado cantou.

Aqui ha annos effectivamente, Manuel Roussado, hoje barão de Roussado, e nosso consul em Newcastle, seguindo o exemplo de Brenno, e pronunciando como elle o *l'ae victis*, houve por bem fulminar despidosamente a velha isca, o fuzil e a pederneira, e entoar aos phosphoros um cantico triumphal.

Era pouco generoso. O fuzil, a isca e a pedernei-

ra já pertencem á historia, e o phosphoro é um dos reis da civilização moderna.

De que accusava Roussado a isca, esse pobre contemporaneo da diligencia, e do telegrapho primitivo, que gesticulava no horisonte como um tyranno de melodrama, e que se metia nas encolhas quando havia neveiro, como se o rheumatismo produzido pela humidade lhe paralisasse os braços?

Accusava-a de vagarosa, de ronceira, fulminava-a porque a pobre levava duas horas a inflamar-se!

Era a indole do seculo que se manifestava na phrase chistosa de Roussado — a rapidez! E' essa a indole que se manifesta igualmente no modo triumphal como vae correndo o velocipedista da nossa gravura. A rapidez! Eis o *desideratum* do nosso tempo. O homem vae hoje do berço ao tumulo como uma bala de artilheria. Parece que Deus deu um pontapé na humanidade, e a humanidade, caindo no globo terrestre e trazendo ainda nos fundilhos das calças a velocidade adquirida, espediu em veloz carreira pelo mundo fóra, até que lhe escorrega um pé, e zás, dá consigo no fundo d'esse abysmo que se chama tumulo, quando já a geração immediata apparece lá no horisonte correndo com triplíce velocidade.

D'antes o mundo era um jar lim, onde havia talvez mais espinhos do que rosas, mas onde ao menos se passejava. Hoje o mundo é um caminho de ferro, e a vida um wagon que atravessa a todo o vapor a estrada, sem que os passageiros tenham tempo de respirar o aroma das flores, ou de se arranhar nos abrolhos.

Em tudo se revela esta pressa de que as novas gerações se sentem possuidas. Não fallamos nas estradas ferreas, nos *steamers*, nos telegraphos electricos, em todos esses inventos que abreviam a existencia, mas nos pequeninos symptomas que d'este facto a cada passo se nos apresentam. Os elegantes do seculo XVIII tomavam rapé. O rapé denuncia o vagar d'essa geração epicuriana, que saboreava a existencia como uma pitada. Hoje o charuto predominante denuncia as tendencias locomoveis dos nossos contemporaneos. O rapé, para ser servido conveniente e elegantemente, necessitava de uma certa paragem: o sacar da algibeira a caixa com uma adoravel miniatura na tampa, abrir-a, tomar a pitada, sorvel-a, sacudir depois o peitilho da camisa levemente maculado, tudo isso não se compadecia com uma grande velocidade. O charuto, pelo contrario, transforma o homem n'uma locomotiva. Accende-se a chaminé, mette-se o charuto entre os dentes, enfiam-se as mãos nas algibeiras, abre-se o compasso das pernas, e... deixa andar. Na nossa gravura ainda o caso se aggrava mais porque o velocipede eleva ao cubo a rapidez da marcha.

Os passeios da cidade transformam-se n'uns verdadeiros *rails*, onde se cruzam para baixo e para cima varios wagons humanos, todos de caldeiras accensas, e coroados com uma pluma ondeante de fumo.

Pois o phosphoro! Enfim eu não sou inimigo pessoal do phosphoro, nem tenho a isca por Dulcinéa; mas a verdade deve-se dizer. A isca foi calumniada; a isca impacientava as cosinheiras, mas de longe exercia na sala uma suave influencia. O phosphoro, assim que appareceu, matou o crepusculo, e quem ha que não reconheça todas as vantagens, todos os encantos do crepusculo... na sala? Enquanto lá dentro a cosinheira travava uma luta de morte, armada de pederneira e fuzil, com a isca, os vidros das janellas iam a pouco e pouco deixando apagar-se o ultimo clarão do dia, e as sombras estrelladas da noite nascente espalhavam-se no chão ata-

petado. Era então que as flores exhalavam um morbido perfume; era então que se ouvia, entre o silêncio que essa hora, a um tempo meiga e solemne, sempre inspirava, no pulsar dos corações, o canto mysterioso do amor. Os raios da estrella Vesper coavam-se brandamente pela janella entre-aberta, as confidencias trocavam-se em dulcíssimo murmuro, e, quando a cosinheira apparecia triumphante á porta com o candieiro em punho, Romeu e Julieta amaldiçoavam de novo essa ficticia aurora.

Para estes o amor, para aquelles a saudade, para uns a meiga confidencia das ridentes esperanças, para outros a troca, a um tempo doce e amarga, das recordações, para todos a meditação suave, a doce conversação em voz baixa. Eis o que era o crepusculo! Eis os santos gozos que estavam ligados inalienavelmente á rebeldia da isca. Morreu a isca, morreu o crepusculo. Apenas se apaga o ultimo raio do sol, ha sempre na sala um semsaborão que tem uma caixa de phosphoros de cera, e que a offerece generosamente á amavel sociedade. Ouve-se um estalido, o phosphoro inflamma-se com uma rapidez desconso-ladora, e... muito boas noites. A estrella Vesper banha lá fóra solitaria no cristal das fontes os seus argenteos raios, e escuta as confidencias que á purpurina rosa envia o enamorado rouxinol!

A guerra, o amor, tudo caminha hoje com uma velocidade de cincoenta milhas por hora, tudo vae em velocipede. O marquez de La Seiglière já accusava Bonaparte por elle não saber fazer guerras á pachorrenta moda antiga. O que diria elle agora se tivesse assistido á campanha de Sadowa, e á campanha de Sedan! Uma guerra em oito dias, um imperio destruido n'um mez! Espingardas de agulha, metralhadoras, canhões Krupp, e os batalhões a cair em ceifados pela morte como se fossem regimentos de cartas! D'antes fazia-se isto muito melhor! De verão partia-se para a campanha, como se parte para o campo. Cercavam-se duas praças. Quando as sentinellas sentiam os primeiros chuviscos de setembro, recolhiam-se os belligerantes a quartéis de inverno. No anno seguinte principiava-se outra vez, e assim seguidamente até os generaes se enfastiarem. Por isso as guerras eram de sete annos, termo medio; e apesar d'isso, não morria tanta gente, e gastava-se menos com a guerra em sete annos de campanha, do que hoje se gasta com a guerra tambem... quando ainda se está em paz.

O amor! Deus do céu! com que grande velocidade caminha o amor! Os nossos avós sabiam saborear-o com delicias, e bebiam por taça de ouro esse licor inebriante, como um verdadeiro epicuriano pôde beber uma chavena de café em porcelana transparente. Hoje parece que se bebe o amor como quem fuma um brejeiro e bebe um copo de cachaça. Só a epistolographia amorosa formava d'antes uma epistolographia especial. Rousseau enthusias-mou uma geração inteira com uma collecção de cartas de namoro — as de Julia e de Saint-Preux. Hoje a declaração de amor e o despacho immediato seguem-se com uma rapidez assustadora. Já não ha quem leia o prologo que era a parte mais encantadora do livro. O amor actualmente, quando não é um livro de Deve e Hade Haver, é um romance á moda de Ponson du Terrail. No primeiro capitulo está-se logo em pleno enredo; a epistolographia amorosa reduziu-se tambem á sua mais simples expressão, tomou a forma concisa do annuncio! O annuncio de amor a substituir a carta de namoro é o symptoma mais terrivel da grave molestia de prosaismo que está consumindo o seculo. Quando terminar o namoro entre dois entes que se amaram por annuncio,

quando chegar o momento solemne em que outr'ora se restituíam as cartas respectivas, effectuar-se-ha hoje a magestosa troca de um embrulho contendo as quartas paginas do *Diario de Noticias*! O apaixonado amante quererá ainda mais uma vez enlevar-se na magia d'esse amor que findou, com o olhar annuviado de lagrimas quererá reler as meigas palavras que ella lhe escrevia outr'ora, e com voz com-movida soletrará as seguintes linhas: *Candós de bello peize! Dobrada ás quintas feiras!* Oh! ceus! era o annuncio da esquerda.

Disse Lopes de Mendonça nas suas encantadoras *Recordações da Italia* que a musica era a locomotiva do amor. Ai! o mimoso folhetinista, se agora resuscitasse, caia outra vez fulminado, se visse que em 1882 a principal locomotiva do amor é o *Diario de Noticias*.

O bosque de La Roche na Luxemburgo

O Luxemburgo é um paiz florestal de formosissimas paisagens, mas entre todas avultam as que rodeiam a pequena cidade de La Roche, pittorescamente agrupada em torno de um velho castello de negras paredes, cujo perfil architectonico se desenhava no céu com um grande ar historico, segundo a phrase de Eça de Queiroz ao fallar do castello de Leiria no *Crime do padre Amaro*, e é avistado pelo viajante, ainda antes d'elle ter podido suspeitar a existencia da pequena cidade.

O Ourthe faz um circuito immenso em torno d'essa localidade, serpeia n'um valle profundo, no meio de verdes campinas e entre collinas admiravelmente arborizadas. Reunem-se n'este sitio uma multidão de riachos ou de torrentes, correndo tambem em outros tantos valles do mais variado aspecto.

Entre outros sitios pittorescos do Luxemburgo citam-se a montanha de Corumont, a Cadeira do rei Pepino, o caminho dos Mortos, o abysmo do Ourthe, o eremiterio de S. Thibaldo, e enfim esse lindissimo bosque de La Roche, representado na nossa gravura, que é copia de um admiravel desenho do sr. Puttaert.

A praça dos Martyres em Bruxellas

É uma das praças mais desertas da capital da Belgica. Depois de triumphar a revolução de setembro de 1830, que separou a Belgica da Hollanda, o governo provisório da nova nação autonoma decidio que se sepultassem n'esta praça, que se ficou denominando praça dos Martyres, os cidadãos mortos pela patria, e que alli se erigisse um monumento á memoria dos heroes da Revolução.

Foi posta a primeira pedra d'essa construcção com grande pompa, no dia 4 de dezembro, em presenca do presidente do Congresso Nacional, e dos membros do governo provisório.

O monumento, confiado ao cinzel do sr. Guilher-me Geefs, foi inaugurado a 24 de setembro de 1838.

Representa a estatua da Belgica, inscrevenado no livro da historia a data dos quatro dias da revolução belga. Esta figura, aos pés da qual repousa um leão symbolico, eleva-se n'um pedestal ornado de quatro baixos-relevos que representam:

- A Patria reconhecida;
- O juramento da liberdade;
- O combate do Parque;
- A consagração dos tumulos.

N'um d'esses baixos-relevos distingue-se a figura de D. João Van-Halen e a de Carlos Rogier.

Nos quatro angulos do sarcophago estão ajoelhados genios.

Ao nivel da base do monumento circula uma gale-ria coberta, por baixo da qual estão collocadas mezas de marmore negro, em que estão inscriptos em letras de ouro os nomes dos cidadãos que morreram pela independencia nacional.

O conjuncto d'este vasto grupo fica no meio de um jardim quadrangular rodeado por uma grade, ornada com soberbos candelabros.

Só falta uma coisa a esse monumento para lhe dar um grande ar de magestade — é o espaço. A estatua da Belgica, inspirada pela Venus de Milo, apresentaria um aspecto magnifico, se tivesse um horizonte, se ficasse, por exemplo, n'alguma das grandes clareiras do magnifico Parque de Bruxellas, que os leitores do *Jornal do Domingo* já conhecem por uma gravura nossa, e onde destacaria de um fundo de verdura.

Enfim, a praça prejudica o monumento.

Todos os annos nas festas commemorativas da fundação da independencia belga (não se trata do jornal d'esse nome) os feridos de setembro e os condecorados com a ordem da Cruz de Ferro fazem uma piedosa peregrinação á Praça dos Martyres.

Então vela-se a estatua com um crepe, as grades e os candelabros forram-se de negro, e os espectadores d'essa tocante visita voltam sempre profundamente commovidos.

P. C.

SOBREMESA

O RISO

Sabem que o riso tem sido objecto de uma serie de estudos que não fazem rir pessoa alguma, como são a *Dissertatio de risu*, o *Discurso academico do riso*, o tratado *De risu in puero, primo natalitatis die*, a *Dissertatio de risu commodo et incommodo in oeconomia vitali*, o *Tratado das causas physicas e moraes do riso, relativamente á arte de o excitar*, etc., etc.

Estes graves tratados dizem-nos por exemplo que ha tantas especies de riso quantas são as vogaes.

As pessoas que riem em A são francas, inconstantes, apaixonadas pelo barulho e pelo movimento.

O riso em E pertence aos fleugmaticos e aos melancholicos.

O riso em I é o riso das crianças e das pessoas ingenuas, denota uma indole servil, dedicada, mas timida e irresoluta. As loiras riem todas em I, o que não quer dizer que sejam todas ingenuas.

O riso em O indica generosidade nos sentimentos e audacia nos movimentos.

Existem como á parte todos aquelles que se riem em U; são avarentos, hypocritas, misanthropos, e os prazeres não tem nunca para elles o minimo encanto.

Ahi está por conseguinte um meio facil de se conhecer o caracter de uma pessoa — é fazer-lhe co-geas.

D'aqui por diante o leitor do *Jornal do Domingo*, se tiver uma filha para casar, a primeira coisa que deve fazer é saltar ás cocegas nos pretendentes. Da mesma forma o leitor do *Jornal do Domingo*, que tiver aspirações a casamento, é claro que se não ri diante do sogro e da sogra senão em A ou em O.

SCENAS DA VIDA AMERICANA

CARMEN E JUANITO
POR
ALFREDO DE BREHAT

Versão portuguesa

DE

JULIO DE MAGALHÃES

(Continuando do numero antecedente)

— Não sei... balbuciou elle com voz rude. Provavelmente está por ali cabido algum animal morto ou ferido...

Os olhos do barqueiro encontraram o olhar de sua mulher, que o fixava com expressão singular. Os dois esposos voltaram precipitadamente os semblantes, como se recciassem que lhes transparecessem nas physionomias os pensamentos, por que se achavam agitados.

Logo que desembarcaram em Cruces, onde haviam chegado no terceiro dia de viagem logo de manhã, Carmen disse a seu marido que queria aproveitar a ocasião para ir visitar uma sua amiga, que ali residia.

— Vae tratar dos teus negocios, e não penses em mim, acrescentou ella. Encontrar-nos-hemos ao anoitecer na *posada* do *senor Antonio Herrera*.

Esta combinação não pareceu ser muito do agrado do ciumento barqueiro, que declarou querer acompanhá-la. Carmen não tentou ostensivamente dissuadi-lo d'este proposito; mas mudou logo de conversa, e começou a interrogar-o acerca de Carlo Barista, e a pedir a opinião do marido sobre os motivos prováveis do singular desaparecimento do novo arraes do *Santa-Barbara*...

Este assumpto de conversação depressa exgotou a paciência de Dionysio, o qual aproveitou o primeiro pretexto que se lhe apresentou para abandonar sua mulher, indo em seguida instalar-se em uma *pulqueria* (taberna), onde se achavam alguns barqueiros de Cruces jogando o *monte*. O marido de Carmen offereceu bebidas a todos os presentes, e tomou parte no jogo.

Passadas duas horas, o barqueiro de Chagres tinha já uma perda não inferior a uns sessenta *dollars*, não obstante a qual continuava a fazer paradas cada vez mais avultadas.

— Os barqueiros em Chagres tem minas de ouro? lhe perguntou por fim um dos parceiros.

— Porque perguntas isso? replicou Dionysio com mau modo.

— Porque já perdeste uma quantia enorme, e tens ainda; ao que parece, as algibeiras cheias de *dollars*... Só pode acontecer isso a quem encontra uma *bonanza* (mina).

— Encontrei com effeito uma *bonanza*... respondeu Dionysio com accento estranho.

Os barqueiros de Cruces entreolharam-se, como para lerem nas physionomias dos visinhos uma ex-

quelle momento em frente da porta da *pulqueria* o *alcade*, acompanhado por dois *beleaguins*.

Quando ouviu pronunciar o nome de Dionysio Palmano, o *alcade* olhou para o barqueiro de Chagres, e examinou-o durante um longo espaço com attenção verdadeiramente singular. Com o pretexto de proteger o barqueiro contra os seus adversarios, levou-o consigo, e dirigiu-lhe um certo numero de perguntas, ao mesmo tempo que o acompanhava até a *posada*, onde Dionysio devia pernoitar, e onde já se achava Carmen.

Vendo o magistrado em companhia de seu marido a mulher do barqueiro só a custo conteve uma exclamação de surpresa. O *alcade* indicou-lhe com um rapido gesto que devia calar-se, e em seguida, aproveitando um momento em que Dionysio se affastara um pouco, disse em voz baixa a Carmen.

— Vá fallar-me á noite, logo que seu marido adormeça...

A noite chegou por fim, Dionysio Palmano, fatigado das impressões do dia, deitou-se muito cedo, e depressa ficou mergulhado em um pesado somno. Com o corpo inclinado para sobre a cama, Carmen contemplava-o com uma expressão de odio e de colera, que dava á sua physionomia uma apparencia quasi tão sinistra, como era a que habitualmente mostrava o semblante de seu marido.

Logo que conheceu que Dionysio se achava profundamente adormecido, sahiu da *posada* e só recolheu passadas duas grandes horas.

De manhã, em vez de acordar o marido ao nascer do sol, conforme combinara com elle, Carmen deixou-o dormir até ás oito horas. O barqueiro foi acordado por tres homens, que lhe pediram que os condu-

pressão, que traduzisse os pensamentos, que esta resposta fizera nascer no espirito de cada um d'elles.

O jogo continuou, insistindo a sorte em se mostrar adversa a Dionysio Palmano.

Quando a perda era já de uns cem *dollars* pouco mais ou menos, o marido de Carmen, que estava furioso, travou-se de razões com os seus collegas de Cruces. Os *machetes* e *navajas* depressa brilharam nas mãos dos jogadores, e Dionysio Palmano não deixaria de receber uma boa *cuchillada* (navalhada), como unica indemnisação das suas perdas, se não se houvesse dado o acaso de passar precisamente n'a-

zisse a Chagres no seu pangaio. Não obstante a apparencia patibular de dois dos passageiros, todos tres se mostraram extremamente condescendentes na questão do preço da passagem, e uma hora depois o *Santa-Barbara* fazia-se de vela, levando a seu bordo seis pessoas, os tres passageiros, Carmen, Dionysio Palmano, e o remador por este contractado á ultima hora em Chagres.

A primeira parte da viagem passou sem que occorresse incidente algum digno de notar-se.

Chegados que foram em frente do *recife del Venado*, os passageiros mostraram desejos de desembarcar ali. Dionysio porem recusou-se a isso, e as ins-



O PASSADO E O PRESENTE

tancias dos viajantes não lograram vencer a sua inexplicável teimosia.

N'esse momento o pangaio achava-se a uma distancia de pouco mais ou menos vinte braças de uma grande barcaça de transporte, que continha cinco passageiros e era tripulada por seis vigorosos remadores.

Em quanto Dionysio Palmano examinava com olhar inquieto um d'aquelles passageiros, o qual, com o *sombrero* (chapéu) sobre os olhos e os cabeções do capote levantados até ás orelhas, procurava evidentemente occultar o rosto, os tres viajantes do pangaio arrojaram-se de improviso sobre o barqueiro, e lançaram-n'o no chão. Dionysio Palmano, não obstante haver sido tomado de surpresa, conseguiu ainda erguer-se e ferir levemente um dos seus adversarios. Esta resistencia porém não o livrou de ser agarrado de novo, e solidamente amarrado pelos tres passageiros, os quaes, ao que parecia, estavam muito habituados aquelle genero de expedições. O remador do pangaio tentara ainda durante um momento defender o patrão, mas um dos passageiros dissuadiu-o do seu proposito appoiando-lhe no peito a boca de um revolver.

A barcaça, em que já fallámos, aproximara-se no entretanto do pangaio, a ponto de que as duas embarcações tocavam agora uma na outra. Um dos passageiros da barcaça—exactamente aquelle que momentos antes, tão cuidadosamente parecia querer esconder o rosto—passou para o barco de Dionysio Palmano com um dos seus seis remadores.

—Sou o *alcade* de Cruces, disse elle voltando-se para o remador do pangaio. Conduza o barco para o recife del *Venado*.

Diga-se a verdade: a presença do respeitável magistrado fez muito menos effeito sobre o remador, do que a vista do revolver; mas, apesar d'isso, apressou-se a obedecer ás ordens do *alcade*, começando logo a remar, auxiliado pelo barqueiro que acompanhara este ultimo, em direcção ao lugar designado.

A mulher de Dionysio Palmano, em vez de soltar gritos de terror e de procurar defender seu marido, como era de esperar que acontecesse, tinha permanecido impassível e nem uma unica palavra havia pronunciado. Pelo contrario Dionysio espumava de raiva, e proferia as mais temerosas blasphemias durante a lucta. Todavia, logo que reconheceu o *alcade* serenou subitamente. Com quanto continuasse a

viajantes da barcaça saltaram tambem em terra e encaminharam-se para ali. A excepção do *alcade* e de um dos homens de entre os que o acompanharam, os restantes, assim como tambem o terceiro personagem do pangaio, tinham a linguagem especial e o traço de americanos do norte. Haviam chegado n'esse mesmo dia de madrugada do Panamá. Um d'elles era delegado do consul americano.

Logo que todos se acabaram reunidos, e a um signal do *alcade*, penetraram no matagal. Duas ou tres duzias de abutres, pousados no chão, disputavam uns aos outros uma preza qualquer, e foi necessario que

os recémchegados corressem sobre elles para os obrigarem a levantar vôo.

Só então poudes ver-se bem o que era que ali os attrahia...

Um braço humano completamente descarnado sabia da terra, como que a pedir vingança ao ceu. Todos os homens presentes estavam habituados aos espectaculos lugubres e sinistros, que resultam em geral das scenas de sangue, que tão communs são n'aquellas paragens; mas n'aquelle braço levantado para o ceu havia uma expressão tão estranha, tão medonha, que todos elles ficaram no primeiro momento dominados por uma indescritivel impressão de terror e de surpresa. O proprio Dionysio Palmano foi subitamente agitado por uma especie de tremor convulsivo, e fez um violento movimento como quem queria fugir d'aquelle logar maldito.

V

Apesar dos terribes miasmas, que se exhalavam d'aquelles terrenos pantanosos, e inficionavam os ares, dois dos esbirros, ar-

mados com enxadas que haviam levado da barcaça para ali, começaram a cavar a terra cuidadosamente em redor d'aquelle braço descarnado, e depressa conseguiram reabrir aquella sepultura sinistra.

Emquanto esta lugubre tarefa era executada, dois, outros agentes de policia andavam explorando os arredores.

Quando estes ultimos, carregados com pedaços de malas de viagem, com restos de vestuários e com alguns massos de cartas e de papeis diferentes, que haviam encontrado aqui e ali dispersos, voltaram a incorporar-se no grupo de pessoas, que se achava formado em volta dos dois coveiros improvisados, já



O BOSQUE DE LA ROCHE NO LUXEMBURGO

mostrar na physionomia a mesma expressão de furor, não abriu mais a boca.

O pangaio depressa atracou ao recife del *Venado*. Os tres passageiros da pequena embarcação, dois dos quaes eram esbirros do Panamá, levantaram Dionysio no ar, e foram collocar-o no chão á entrada do matagal espesso, acima do qual continuava a voejar uma grande multidão de abutres negros. Os

estes haviam posto a descoberto quatro cadáveres, ou para melhor dizer, os restos mutilados de quatro cadáveres!

Carmen, ajoelhada junto de um d'aquelles corpos, que estava coberto com um trajo mexicano, contemplava, com olhar fixo e sem lagrimas, os restos inanimados do seu amado Juanito.

— Reconhece estes cadáveres, *dona Carmen*? lhe perguntou o *alcaide*.

— Reconheço, *sim, senhor alcaide*, respondeu a mulher de Dionysio Palmano. Este é o pobre Juanito; eis ali *miss Jenkins*; aquelle é o americano, que a acompanhava na occasião em que assistia á *pelea de gallos*; o quarto deve ser da mãe de *miss Jenkins*.

Carmen pronunciou estas palavras com voz lenta, mas firme, que vibrava como uma lamina de metal.

— Dionysio Palmano, tornou o magistrado voltando-se para o barqueiro: é accusado de um crime horroroso; de haver assassinado estas quatro pessoas, com auxilio do seu companheiro Carlo Barista.

— Não! não é verdade! vociferou Dionysio.

— Que foi feito de Carlo Barista seu cúmplice?

— Não sei... Talvez lhe acontecesse algum accidente, visto não ter apparecido no momento da partida... Naturalmente vamos encontral-o em Chagres.

— Bem sabe que não é isso possivel, replicou com voz severa o *alcaide*. Carlo Barista foi assassinado na vespera da partida por Dionysio Palmano, que lançou em seguida o cadaver ao rio.

— Quem disse isso? exclamou o barqueiro com os dentes cerrados.

Carmen levantou-se vagarosamente, e foi com passos lentos collocar-se face a face com o assassino.

— Eu! disse ella fixando no marido um olhar implacavel. Fui eu que te denunciei como assassino de Juanito, dos tres passageiros e de Carlo Barista... Fui eu!

E em seguida contou miudamente tudo quanto Carlo lhe confessára acerca do crime, exprimindo-se com uma clareza e sangue frio verdadeiramente admiraveis. Quem a visse fallar assim, com o olhar fixo, com o rosto impassivel e sem a mais leve inflexão na voz, julgaria ver n'ella um espectro vingador.

Dionysio ouviu-a sem pronunciar uma palavra unica, conservando o rosto coberto com as mãos.

Por fim, quando Carmen concluiu a sua narração, o assassino ergueu a cabeça, e disse:

— Pois bem; é verdade... Carlo Barista e eu tivemos uma disputa séria, a que puzemos fim de *navaja* em punho... Foi elle quem succumbiu... Os tres americanos eram hercjes... não se perdeu muito com a sua morte. Vou contar como os factos se passaram... Ao menos, depois de confessar tudo, não de deixar-me socegado.

E seguidamente narrou de um modo completo e detalhado as circumstancias, em que fôra perpetrado o assassinato de Juanito e dos tres passageiros.

— Eu tinha ciúmes de Juanito, disse elle, e enchia-me de desespero a ideia de que Carmen viesse um dia a dar-lhe a mão de esposa. Carlo Barista tambem o odiava, pelo facto de ter sido Juanito quem obstrua a que fosse elle o arrais do *Santa Barbara*. Tinhamos pois combinado, que nos desfaríamos do mexicano na primeira occasião; mas Carlo Barista era um poltrão, que excitava os outros, e que recuava sempre no momento da acção.

— Os americanos, que transportavamos para Cruces levavam consigo muito dinheiro e um grande numero de malas. Este facto constituia para Carlo Barista uma tentação quasi invencivel. Todavia, na occasião em que partimos de Chagres, ainda não tinhamos

contra elles um qualquer mau designio. Só no regresso tencionavamos desfazer-nos de Juanito.

— Na occasião em que chegámos á altura do *recife del Venado*, Carlo Barista e eu, que estavamos extenuados de cansaço, quizeamos parar ali para passarmos a noite e descansar. Os passageiros exigiram que o pangaio os conduzisse pelo menos até *Palenquilla*, e o patrão, tomando o partido dos passageiros, ordenou-nos que continuassemos a remar. Cheio de colera, lancei violentamente o remo para o rio; Juanito fez um movimento para puchar pelo *machete*; mas eu, adivinhando-lhe a intenção, lancei-me sobre elle, e enterrei-lhe no peito a *navaja*, com que rapidamente me armara. No momento em que o americano apontava para mim um *revolver*, Carlo Barista agarrou-se-lhe ás pernas e fel-o perder o equilibrio. Em seguida tiramos-lhes a vida a golpes de *machete*, o que todavia nos não foi extremamente facil, apesar de sermos dois contra um, porque o bualdo americano era forte e vigoroso como um mulato.

(Continua)

ROSICLER

AS DUAS LUAS

Eu vinha a seismar da eira,
tu vinhas a rir da festa,
Vestias, moça e modesta,
toda a andaina domingeira.

Parando pensaste—«E esta!»
Olhaste. Ninguém. Ligeira,
—fôra intensissima a sesta—
despida entraste á ribeira,

O reflectido azul na veia fria,
rico tapete, aos pés se te estendia.
E tu passavalo a nado.

E eu a pensar,—que astrônomo!—: «Outra lua
passa agora no espaço constellado
tão branca, amorosa e nua!»

NO OUTOMNO

Pendem cheios os uberes das vinhas,
solicitando os dentes e os olhares.
Como o verbo das velhas adivinhas
espuma o vinho e o riso nos lagares.

Que entumecer de seios nas vasquinhas!
Polpudos braços! Enlaçados pares!
Folgae, rapazes: despem-se as enzinhas.
Gemei, guitarras: enlame-se os pomares.

Já esfuma a parda névoa as altas cimas.
E antes do somno, apenas nas vindimas,
Pan intromette o petulante rosto;

e, ebrio a eahir de danças e cantigas,
vae beijocando em roda as raparigas,
co'os lábios sujos de lascivia e mosto.

D. João v

E' elle! o bule-bule rematado!
Autoerata no throno e no polvilho.
Sob o setim bordado do justillo
pulsa-lhe o peito,—o eterno enamorado.

Manteve o culto sempre em todo o brilho;
e sempre em todo o brilho o seu toucado;
da Santa Igreja devotado filho,
do mundo e carne filho devotado.

Pende-lhe, á vista, a elina do cilício
dos donrados flôres da cabeceira.
Cada manhã, resado o santo officio,

murmura a confissão aos pés de um frade;
de tarde, ao rido da devota grade,
vae redizel-a aos pés d'alguuma freira...

José de Sousa Monteiro

O DOMINGO HISTÓRICO

12 de março de 1811—Os francezes atacam a praça de Campo Maior

Entre os muitos episodios da guerra peninsular, nos quaes se manifestou claramente o valor e heroidade dos portuguezes, occupa um logar notavel a defesa da praça de Campo Maior, no mez de março de 1811.

Em quanto Massena perdendo a esperanza de vencer o exercito, que se tinha acolhido ás linhas de Torres Vedras, começava a retrogradar para se dirigir á fronteira, o marechal Mortier, que operava na Estremadura hespanhola, entregou uma columna ao general Girard e incumbiu-o de se assenhorear de Campo Maior.

Achava-se então esta nossa praça quasi desmantelada e a guarnição d'ella. Quando deante dos seus muros appareceram, no dia 12, os soldados de Napoleão, constava apenas de quarenta e cinco soldados de artilheria 3, noventa a cem milicianos de Portalegre e algumas ordenanças. Apesar dos poucos recursos de que dispunha o governador Talaya, de tal modo se portaram os defensores de Campo Maior, e de tal maneira foram dirigidos, que só a 22, ao cabo de dez dias de um horroroso bombardeamento, é que a praça se rendeu.

A capitulação foi o mais honrosa possivel, e o marechal Beresford, dando conta ao governo da queda da praça tece os mais subidos louvores á guarnição, aos habitantes e ao governador. Em vista d'essa participação a regencia depois a 18 de abril, publicou uma portaria na qual além de outros premios que conferiu a todos quantos haviam concorrido para a defesa da praça, determinou:

1.º Que a villa de Campo Maior se denomine d'aqui em diante *Real e valorosa villa de Campo Maior*, accrescentando por baixo do escudo das suas armas as palavras: *Lealdade e valor*.

2.º Que o seu digno governador, o major do real corpo de engenheiros, José Joaquim Talaya, logo que cesse o impedimento, que actualmente existe, por se achar prisioneiro debaixo da sua palavra de honra, seja promovido ao posto immediato, declarando-se na sua patente em grandes caracteres — *PELA GLORIOSA DEFENSA QUE FEZ NA PRAÇA DE CAMPO MAIOR* — e desde já se lhe dê na provincia do Alemtejo um baldio de boa terra, livre de foro, com extensão de uma legua.

A. O.

HORAS DE OCIO

Pergunta philologica

Sr. redactor

Não suppunha de certo que eu existia ainda?

Pois existo, *sim senhor*. Cá estou no meu presbyterio á espera dos 6 "p addictonaes, e do imposto sobre o chá, e do diacho que os leve a todos... Oh! e' o a bréca, lá me esquecia que no seu jornal não é permitido fazer politica, e que eu sou um presbytero que tenho obrigação de arrancar ao inimigo as almas christãs, e não de mandar para a caldeira infernal um João Rato qualquer. Tenha paciencia! Eu já estou velho, não faço bem as digestões, e, se me obrigam a passar

sem chá e sem assucar, faço um berreiro que se ha de ouvir nos quintos dos infernos... Oh! lá me escapou outra vez. *Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa!* *Amen!*

Vamos, porém, ao que importa. Decididamente os seus assignantes não se resolvem a responder a um desgraçado que lhes perguntou aqui ha uns poucos de mezes a significação de certas e determinadas phrases? Como recebi agora o n.º 52, e tratei de mandar encadernar o volume aqui, a um meu visinho que encaderna livros, faz recados, ajuda á missa quando está doente o sacristão, repica o sino em dias de festa, deita gaspas nas botas dos seus irmãos em Christo, e presta outros serviços á humanidade da sua patria, folheei o *Jornal do Domingo* e dei com as perguntas do meu collega em curiosidade. Perguntava elle por exemplo a origem d'este proverbio: «Vi-me na rua das ataqueiras». A respeito de resposta nada de novo.

Comecei a matutar no caso, e para o não massar muito, vou-lhe já dizer o que pensei. O que vem a ser ataqueiras? Ataqueira, segundo diz o *Dicionario*, é a mulher que faz atacadores. Para que serve um atacador? Para apertar um colete por exemplo. Logo a phrase: «Vi-me na rua das ataqueiras» deve ser simplesmente uma amplificação da phrase bem clara e bem comprehensivel: «Vi-me em apertos». Qual é a origem d'esta phrase: Dia de S. Nuncia á tarde? Evidentemente a amplificação sarcástica do proverbio *monca*. Em que da teucionas tomar jazo? pergunta-se. E o interrogado se ha de responder *nunca*, responde zombeteando: No dia de S. Nuncia. Assim tambem um sujeito que tenha de dizer: «Vi-me em apertos», para dar mais relevo á sua phrase, exclama: Vi-me na rua dos apertos, e o que é que aperta? são os atacadores. Quem faz os atacadores? São as ataqueiras. Logo se alguém disse: «Vi-me na rua das ataqueiras», querendo dizer que se viu em apertos, como a phrase era pittoresca, ficou.

Serve-lhe a explicação? Se lhe não serve deite-a no cesto dos papeis velhos, no sarcophago, como se diz no *Primo Basilio*, que eu não li. *Vade retro!*

Mas eu é que não dou ponto sem xis. Dei resposta, faço pergunta. Faltei ainda agora em mandar alguém para os quintos dos infernos. Poder-me-hão dizer qual é a origem d'esta phrase que eu empreguei involuntariamente, e de que me arrependo já?

Caro sr. redactor, se passar por esta sua Carteira, e quizer tomar chá comigo, venha depressa que ainda cá tenho uns restos de um kilo que comprei, quando estava em Congas de Oniz, a um merceiro visigothico.

Presbyterio de Carteira, 9 de março de 1920 (1882 da era de Christo).

EURICO.

Charadas novissimas

Noto que n'esta cidade é villa — 1 — 2
Nota, nota, nota é verbo — 1, 1, 1.

DOMINÓ ESCARLATE.

Logogrifo

A terceira e a segunda,
E só proprio de criança
A segunda e a primeira
Tinha a minha avó Constança.
A terceira e a primeira,
Existe em qualquer tourada
E é qualquer melancia,
Que não preste para nada.
Comprei a prima e terceira
É doce qual rebaçado,
Custou-me prima e segunda,
Mas dei por bem empregado,
Mas enfim lá vae leitor
Se o todo queres achar.
Procura-me em qualquer beco
Que me has de lá encontrar.

F. Gmão.

Soluções certas

Proverbio a encontrar — M. P. O. (Porto), Vasco (Coimbra), Nadege (Coimbra), B. M. (Vianna do Castelo), Teniers (Santarem).

Anagramma — Monge de Osseira (Pitões de Júnias), Teniers (Santarem), Edipo, Carmelita, Acertei? (Loulé)

Soluções do n.º 52

Proverbio a encontrar — Nem tudo que luz é oiro.

Problemas de dominó — Daremos a solução no proximo numero.

Anagramma — Zorra, Arroz.

ERRATA — No ultimo numero do nosso jornal, veiu um erro importante de imprensa na *Synonymia* — Trata-se de formar com as iniciaes dos synonymos, o nome d'um poeta portuguez, e não de um facto como alli se diz.

A PONTUALIDADE

Durante sete longos annos almocei no mesmo café. Ás onze horas e cinco minutos abria a porta, ao meio dia menos cinco, fechava-a.

É inutil fazer-lhes o elogio da *dame du Comptoir*! Basta que saibam que desde a minha primeira chavena de café reinou no meu coração. O meu olhar disse-lhe que eu a amava? Advinhou ella o meu amor? Não sei: mas amamo-nos de longe, em silencio, durante sete annos... pois levei sete annos a aproximar-me do seu balcão, a distancia sufficiente de lhe poder fallar sem a comprometter.

Sim, sete annos! para passar da mesa n.º 7, que occupava ao principio, até á n.º 1 que ficava ao pé do balcão.

Que querem? Era tão pontual que chegava sempre uma meia hora depois de seis freguezes tão pontuaes como eu.

Que de diplomacia não me foi necessaria para os pôr fóra d'essas seis mezas que me separavam do meu anjo!

O numero 6 não levou muito tempo: puz-me a cortar as rolhas das garrafas, isso contendia-lhe com os nervos e deixou a mesa de que me apossei logo.

D'ahi a seis mezes um acaso livrou-me do n.º 5 que era supersticioso. O criado quebrou um vidro e entornou o café em cima d'essa meza que o seu proprietario abandonou logo todo enguçado. Passou a ser minha.

Em duas sessões puz fóra do combate o n.º 4 que dormia a sua sonneira depois de comer. Eu tremia tanto com o meu banco, balouçando-me, que esse botequim espertava-lhe o somno de tal modo, que elle foi dormir para outro botequim.

O numero 3 durou apenas um dia.

A vista das minhas fatias de pão com manteiga molhadas em café com leite, fez-lhe tal enjoo que mal teve tempo de fugir d'esse medonho espectáculo.

O n.º 2! Oh! o n.º 2!! Tremo ainda quando penso n'isso! Levei quatro annos a desalojar-o! Sem os olhares do meu anjo, que animavam os meus esforços para me aproximar d'ella, teria renunciado ao n.º 2.

Mas, dir-me-hão, porque não cortou você todo esse trabalho almoçando duas horas mais cedo, e sendo assim senhor de todas as mezas? Ou então: porque não ia lá durante o dia, ás horas mortas, enei que o botequim dezereto, lhe permitia conversar á vontade com a bella caixeira?

Não fiz isso porque era pontual, tinha a tolice de ser pontual!

A minha vida estava tão bem pautada, que nunca me ouviriam tratar uma mulher por *tu* senão no segundo domingo de cada mez das quatro e deez ás quatro e cincoenta.

Mas voltando ao n.º 2.

A rolha cortada, as sopas de manteiga com café, o balouço, tudo isso foi inutil com esse, pela simples razão d'elle ser surdo, logo do meu lado, e o meu banco ficar separado do seu.

Quiz levá-lo pela avareza, e em cima da meza, ao pé do cotovello amontoei-lhe copos, garrafas, pratos, que elle atirava logo ao chão.

Todas as manhãs havia entre nós uma montanha de cacos que elle pagava sem mesmo se admirar da minha falta de cuidado. O dono do café chegou mesmo a especular com a coisa, e a por-lhe louça rachada que o desgraçado pagava como nova.

Em quatro annos, o n.º 2 quebrou com que pôr casa a todas as tribus selvagens da Oceania.

Pobre n.º 2!

Lamento-o hoje! Pois soube mais tarde que se elle era tão teimoso, é que tambem amava a caixeira.

Enfim, esgotados todos os recursos, ao cabo de quatro annos, pensava em denunciá-lo n'uma carta anonyma á policia, quando elle teve a felicidade de ser esmagado por uma carruagem.

Do meu novo lugar, do n.º 2, se não tocava ainda a terra prometida, sentia já ao menos d'ella os doces perfumes. Respirava o aroma dos torrões de assucar, que o meu anjo acariciava com as suas brancas mãos depois de ter pegado n'uma caterva de moedas de cobre sujas de azebre: respirava a plenos pulmões os odores da agua de flor de laranja que ella deitava n'essas exquisitas garrafinhas redondas, que parecem cebollas brancas.

Um obstaculo me separava ainda d'ella.

Era o numero 1.

Resolvi vencê-lo.

Desde esse dia declarei-lhe guerra.

Era um terrivel homem, esse numero um! Antigo capitão de *gendarmes*, forte como um touro, barba-do, grandes bigodes, e além de tudo isso galanteador e monotonos: porque, recitando os seus grandes olhos para a minha adorada, repetia-lhe de hora em hora, durante oito annos, esta invariavel phrase: «Sou como a hera, morro onde me prendo.»

O que me tranquillizava pouco sobre a proxima posse da sua mesa, porque elle tinha um typo de viver cem annos.

Procurei enxotá-lo com contos frescos e com calemburgos: mas torcendo os seus bigodes, elle fazia secar de repente a minha verve, uivando com a sua voz de cobre:

— Foi perdido o tempo a fazer calemburgos que Grouchy chegou tarde de mais!

Esta opinião historica surpreendeu-me da primeira vez.

Ah! prometto-lhes que se a França tivesse perdido o seu codigo durante vinte e quatro horas o muito, eu teria aproveitado essa perda para apunhalar o horrivel capitão... pelas costas.

Enfim, o céu compadeceu-se do meu amor e a fada da desynteria estendeu uma bella manha as suas azas sobre o meu terrivel rival.

Finalmente sentei-me á mesa numero um!!!

Estava ao pé d'ella!... Contemplava o seu busto gracioso saindo do balcão, admirava os seus cabellos loiros, a sua bocca pequenina, etc., etc.

Sete annos passados tinham alterado um pouco todos esses encantos, mas eu via-os sempre com os olhos da... minha primeira chavena de café!

Renuncio a descrever-lhes a commoção, em partidas dobradas, d'esse momento cubicado ha tantos annos! A alegria suffocava-me: perdiamos a cabeça: eu molhava o pão na garrafa da agua, e despejava o café na bolsa do dinheiro, ella deitava o dinheiro em

cobre dentro do assucareiro, e mettia o assucar no cofre da receita.

As grandes paixões são silenciosas! Um curto dialogo bastou para nos ligar um ao outro, sem mettermos o publico na confidencia.

Fingindo ler o nome do chapeleiro do meu chapéu, disse-lhe de dentro do forro:

— Amo-te!

Fingindo limpar um bule de chá, ella respondeu-me do bico:

— Amo-te!

Ao que eu repliquei logo:

— Sê minha mulher! amanhã, no escriptorio do meu tabellião, ás nove e trinta e cinco!

Nove e trinta e cinco era a hora de tratar dos callos, mas o meu amor desordenado fazia-me sacrificar pela primeira vez a minha pontualidade.

No dia seguinte, á hora marcada, estava delirante de paixão, no escriptorio do meu tabellião, o sr. Crosse.

Era uma torrente de elogios á minha noiva emquanto elle preparava o seu papel sellado.

— Vae vel-a! loura! bella! mão de rainha! collo de deusa! cintura de creança!... Ha sete annos que a amo!

De repente o meu tabellião perguntou-me:

— E alta ou baixa?

Esta simplissima pergunta sua atrapathou-me. Só lhe ponde responder:

— Não sei!

— Como? Não sabe! Pois ama-a ha sete annos e não sabe se ella é alta ou baixa?

— Não sei, nunca a vi senão sentada ao balcão... isto é, da cintura para cima:

— Mas com certeza tem-se encontrado n'outra parte... nos passeios, no theatro?

— Nunca senão no café, e sou tão pontual em tudo, a minha vida está tão pautada, que nunca ponde consagrar a esse anjo, senão o tempo que vae das onze e cinco ao meio dia menos cinco, tempo em que a via sempre sentada ao seu balcão.

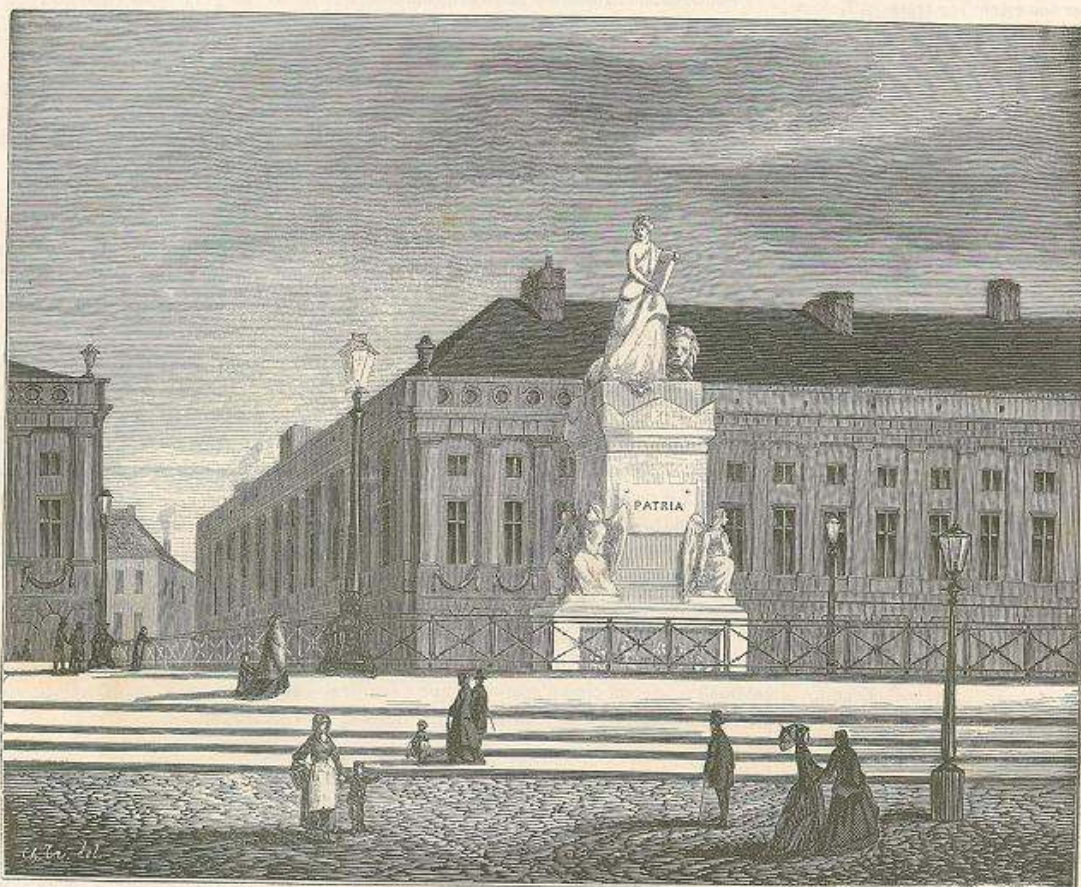
Mal eu acabava a phrase a porta do escriptorio abriu-se!

A minha noiva entrava.

De repente soltei um grito de horror e desmaiei no collo do meu tabellião.

A escolhida do meu coração, o anjo dos meus sonhos, tinha duas pernas de pau!!!

EUGENIO CHAVETTE.



PRAÇA DOS MARTYRES EM BRUXELLAS

EXPEDIENTE

Está exposto, desde o dia 8 do corrente no Chiado, esquina da Travessa do Estevam Galhardo, o brinde a preço reduzido offerecido pela empresa, e será distribuido na proxima semana aos srs. assignantes e correspondentes.

A capa para brochura, assim como os indices do texto e das gravuras do anno findo, serão distribuidos com o n.º 4.

As capas em percalina vermelha com enfeites a preto e letras douradas, serão opportunamente annunciadas; e sentimos não o poder fazer desde já em consequencia de se ter demorado mais do que esperavamos a remessa da chapa que foi encommendada para Paris.

Calculamos no n.º 50 que o preço do trans-

porte d'estas capas seria de 30 réis por cada uma. Vêmos, porém, hoje, que o acondicionamento d'ellas occasiona despesas que por forma alguma pôdem ser inferiores a 60 réis. Ficam assim prevenidas todas as pessoas que desejarem fazer a sua aquisição.

A officina de encadernador annexa á casa editora do sr. David Corazzi, encarrega-se de encadernar o 1.º volume por 400 réis, a branco, e por 800 réis dourado por folhas, além do preço da capa que é de 700 réis.

Continua aberta a subscrição em favor do Gaspar da viola, doente no Hospital de S. José, ao qual se referiu o artigo *Actualidades*, publicado no nosso ultimo numero:

<i>Transporte</i>	25250 réis
De um assignante de Vizeu.....	300 »
A. G.	300 »
A. G.	200 »
C. B.	200 »
M.	200 »
Anonymo	300 »
G. D.	200 »
J. R.	200 »
A. da C.	100 »
J. E.	200 »
P. C.	100 »
J. A. C.	500 »
Anonymo	500 »
S. C.	100 »
J. C.	100 »
Somma	58750 »